

O QUE PODE UM GRUPO DE PAIS EM UMA UTI NEONATAL? RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UM ESTÁGIO EM PSICOLOGIA HOSPITALAR

Luana Hofstätter Eidelwein¹

Elisângela Mara Zanelatto²

Camila Mendes Vieira da Silva³

Resumo: O presente trabalho trata-se de um relato de experiência da realização de um grupo de pais em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) Neonatal, realizado durante o estágio curricular do curso de Psicologia. Relata-se os encontros que foram realizados no segundo semestre do ano de 2023, de agosto a dezembro, período em que foram feitas várias atividades com frequência quinzenal e duração de uma hora e trinta minutos. O grupo, de forma geral, buscou proporcionar momentos de escuta, acolhimento e orientações aos pais e cuidadores dos bebês internados na UTI Neonatal da instituição. De forma específica, procurou-se atingir maior vínculo das famílias com a equipe da unidade, realizar atividades que promovessem o diálogo e a troca de experiências entre os pais e também aproximar a Psicologia com as demais profissões que atuam na UTI Neonatal, mostrando a importância da mesma enquanto parte da equipe. No total, o grupo contou com 34 participantes e, em média, cada encontro teve três participantes. Como resultado, observou-se que com a realização do grupo os pais puderam trocar experiências, compartilhar suas dores, alegrias de cada pequena conquista, seus anseios e também receber informações acerca da Unidade de Tratamento Intensivo. A realização do grupo mostrou-se uma experiência relevante, visto que permitiu a aproximação da Psicologia com a UTI Neonatal e também promoveu uma ação conjunta da mesma com as demais profissões, ou seja, um exercício de trabalho em equipe multiprofissional. Cabe destacar a importância de um estágio do curso de graduação de Psicologia em um hospital, visto a experiência que promoveu para a estagiária, proporcionando muitos conhecimentos acerca da Psicologia Hospitalar e do Desenvolvimento.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Grupo; UTI Neonatal.

1 Estudante de Psicologia - Bacharelado. Universidade do Vale do Taquari - Univates.

2 Mestra em Ensino - Univates. Docente do curso de Psicologia - Bacharelado. Universidade do Vale do Taquari - Univates.

3 Graduada em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2007). Especialista em Neuropsicologia pela PROJECTO-FADERGS (2015) e Formação em Terapia Cognitivo-Comportamental.

WHAT CAN A GROUP OF PARENTS DO IN A NEONATAL INTENSIVE CARE UNIT? EXPERIENCE REPORT FROM AN INTERNSHIP IN HOSPITAL PSYCHOLOGY

Abstract: This work is an experience report of a group of parents in a Neonatal Intensive Care Unit (ICU), carried out during the curricular internship of the Psychology course. The meetings that were held in the second half of 2023, from August to December, are reported, a period in which several activities were carried out every two weeks and lasting one hour and thirty minutes. The group, in general, sought to provide moments of listening, welcoming and guidance to parents and caregivers of babies admitted to the institution's Neonatal ICU. Specifically, we sought to achieve a greater bond between families and the unit's team, carry out activities that promoted dialogue and the exchange of experiences between parents and also bring Psychology closer to other professions that work in the Neonatal ICU, showing the importance as part of the team. In total, the group had 34 participants and, on average, each meeting had three participants. As a result, it was observed that with the group, parents were able to exchange experiences, share their pain, the joys of each small achievement, their desires and also receive information about the Intensive Care Unit. Carrying out the group proved to be a relevant experience, as it allowed Psychology to come closer to the Neonatal ICU and also promoted joint action between it and other professions, that is, an exercise in multidisciplinary teamwork. It is worth highlighting the importance of an internship in the undergraduate Psychology course in a hospital, given the experience it provided for the intern, providing a lot of knowledge about Hospital and Developmental Psychology.

Keywords: Hospital Psychology. Group. Neonatal ICU.

1 INTRODUÇÃO

A inserção da Psicologia em hospitais é uma prática recente, o que torna a mesma dinâmica e desafiadora, mas uma atuação que segue buscando, acima de tudo, a humanização, respeito pela dignidade da vida e inserção da escuta e palavra (Angerami, 2017). Na UTI Neonatal a humanização se faz necessária e se aplica como o acolhimento e cuidado especializado e tecnológico para oferecer ao neonato todos os recursos necessários, porém se faz fundamental também no cuidado prestado aos pais. De acordo com Noda *et al.* (2018) o cuidado humanizado é percebido pelos pais por meio da maneira que se cuida e da relação que é estabelecida com os profissionais de saúde. Sendo assim, uma equipe que busca realizar um cuidado humanizado, deve considerar o comportamento profissional, a comunicação e o cuidado individual dedicado aos bebês e aos pais.

Nessa perspectiva, entende-se que o psicólogo é um profissional fundamental para compor essa equipe e para a humanização no contexto da UTI Neonatal. Pode por meio de suas ações realizar um trabalho com a equipe (sensibilização para a dimensão subjetiva do bebê, além da história clínica), atendimentos à família no geral, acompanhamento de visitas, promoção de grupos com pais, estímulo à amamentação e proporcionar momentos de aproximação do bebê com os pais (Baltazar; Gomes; Cardoso, 2010).

A implementação de grupos de pais em UTIs Neonatais é justificada pela Portaria nº MS/GM/1091, de 25 de agosto de 1999, que garante a obrigatoriedade da presença de psicólogo na equipe multiprofissional de Unidades de Tratamento Intensivos para pré-termos. É importante ressaltar que a inclusão da Psicologia nas equipes de saúde é fundamental, visto que pode auxiliar na motivação do paciente e, neste caso, da família, compreensão do quadro clínico e proporcionar acolhimento (Galdino; Azevedo; Cherer; Chatelard, 2020).

Na UTI Neonatal, uma das formas da Psicologia atuar em conjunto com a equipe multidisciplinar é através da realização de grupos, pois o ser humano desde o seu nascimento participa de grupos sociais, sendo desenvolvido a partir deles. Todo indivíduo é gregário e só existe a partir de seus relacionamentos. É por meio desta visão que a Psicologia dos Grupos se baseia para identificar as dinâmicas grupais e trabalhar com elas, utilizando-se das manifestações que ocorrem no grupo para a melhora individual dos participantes. Além disso, os grupos são recursos de baixo custo e com uma boa aceitação dos pacientes e das equipes, sendo de fácil implementação na rotina do hospital (Heberle; Oliveira, 2016).

Os grupos dispositivos, conforme proposto por Benevides (1997), possibilitam que diversas atividades sejam realizadas nos encontros, abrindo espaço para oficinas, dinâmicas, diálogos e outras atividades que podem ser construídas em conjunto com a equipe e com os próprios participantes. Isso porque, desenvolvendo o conceito de grupo dispositivo através da noção proposta por Foucault, a autora refere-se ao seu caráter ativo, de disposição. Utilizar-se da metodologia de grupos dispositivos mostra-se como uma prática importante para a promoção de saúde, pois pode proporcionar “melhora nas relações sociais, nos níveis de conhecimento sobre questões discutidas no grupo, na capacidade para lidar com situações inerentes ao transtorno sofrido, na confiança, além de alívio emocional” (Benevides *et al.*, p 128, 2010).

Dessa forma, entende-se a potência do trabalho da Psicologia em contextos grupais, podendo atender demandas que se assemelham de forma coletiva e assim ampliando as possibilidades de trabalho. Conforme Moliterno *et al.* (p. 97, 2012), torna-se fundamental a condução de grupos por psicólogos, “pois este viabiliza a elaboração psicossocial de seus participantes, fortalece sua autoestima, cria vínculos afetivos, diminui a resistência das relações interpessoais, possibilitando a expressividade dos mesmos”. Assim, compreende-se que atuar por meio de um grupo na UTI Neonatal é uma forma de a Psicologia prestar cuidado aos pais dos bebês que estão internados. De acordo com Baltazar, Gomes e Cardoso (2010) ao se referirem à UTI Neonatal e à atuação da Psicologia, expõem que “este lugar tem suas características particulares e complexas, das quais se pode destacar o início da vida e advento do sujeito, as relações primárias entre pais e filhos, a construção da maternidade e os aspectos a ela relacionados” reforçando a importância da atuação do psicólogo e da realização de grupos regulares com os pais para que possam ser escutados, expondo dúvidas, expectativas, medos e anseios frente à internação do filho.

Sendo assim, justifica-se a realização do grupo como um recurso para o cuidado integral dos pais e dos bebês, que enfrentam de forma tão prematura a internação hospitalar e, dessa forma, vivenciam emoções e experienciam sentimentos que precisam ser trabalhados, visando a saúde da família em sua totalidade. Ao nascer um filho prematuro, os pais podem sentir medo, ansiedade, ter fantasias, culpa, entre outros sentimentos que podem levar a um estresse emocional. Isso pode dificultar de forma significativa o vínculo entre os pais e o bebê. Se quando a gestação e parto ocorrem da forma planejada, sem intercorrências, já afetam os pais de forma tão significativa, quando ocorrem complicações os sentimentos podem ser ainda mais intensos, causando impactos na saúde emocional dos pais. Os pais que estão com os bebês na UTI Neonatal vivenciam nesses momentos a frustração das expectativas e planos, por isso ao estarem neste ambiente, naturalmente mostram-se mais vulneráveis (Kapczinski; Bassols, 2007). Alguns pais, durante a gestação, já recebem informações acerca da saúde do bebê e por isso a necessidade da internação na UTI pode ser algo imaginado. Por outro lado, muitos pais não consideravam a internação e ela ocorre pela prematuridade do nascimento ou por complicações no momento do parto. Para Eizirik, Kapczinski e Bassols (2007) os pais de bebês prematuros enfrentam uma espécie de luto, com sentimento de culpa e incompetência, fazendo com que a equipe precise acolher e orientar quanto ao que realmente está acontecendo.

Dessa forma, ao necessitar de uma internação na UTI Neonatal, a família vivencia um puerpério diferente do que o imaginado. A mãe precisa lidar com as condições físicas e psicológicas de um pós-parto, ao mesmo tempo em que preocupações se apresentam acerca da vida do bebê. A ansiedade da mãe e dos familiares é grande e a nova mãe se desorganiza com a impossibilidade de amamentar, estar perto, segurar no colo e exercer, de certa forma, a maternidade (Eizirik; Kapczinski; Bassols, 2007). Essas condições são preditoras para que a depressão pós-parto possa ocorrer, fazendo com que a equipe necessite estar atenta.

A internação do bebê na UTI Neonatal pode dificultar o desenvolvimento do vínculo, tão essencial na relação mãe-bebê, para o estabelecimento da díade. O contato físico, seja pela amamentação, pelo colo ou a troca entre a mãe e o bebê são fundamentais para que essa relação se estabeleça, sendo importante para o desenvolvimento infantil e também para a saúde mental da mãe (Spitz; Rocha, 2004). Por isso, cabe pensar em como proporcionar que isso aconteça no contexto da UTI Neonatal: a criação da maternidade e da paternidade mesmo em um contexto adverso, no qual o bebê também necessita da presença das figuras parentais para o seu desenvolvimento.

Quando se pensa no desenvolvimento infantil, é relevante refletir sobre o impacto que causa no bebê a necessidade de estar na UTI em seus primeiros dias de vida. Sabe-se que estar distante dos pais, utilizar aparelhos, não receber o colo, a atenção e o cuidado diretamente dos pais em seus primeiros dias de vida, pode ocasionar a sensação de desamparo no bebê (Spitz; Rocha, 2004) e também dificultar o estabelecimento de um apego seguro às figuras parentais. Porém, conforme Papalia e Martorell (2020) um ambiente favorável pode compensar os

efeitos das complicações do nascimento e é nesta perspectiva que o trabalho na UTI Neonatal pode ser pensado, como uma forma de orientar os pais, para que saibam o que podem fazer com e pelos filhos para proporcionar apoio emocional e estímulos intelectuais para um bom desenvolvimento da criança.

Ressalta-se assim a importância do grupo de pais como uma forma de acolher os sentimentos deles, orientá-los prestando um cuidado humanizado e integral, uma vez que não é possível olhar apenas para o bebê sem considerar os aspectos biológicos, psicológicos e sociais da família também. Pois, o atendimento integral preconiza atender as necessidades dos indivíduos de uma maneira ampliada, oferecendo um tratamento digno, respeitoso e com qualidade de acolhimento e vínculo (Fontoura; Mayer, 2006), o que deve ser buscado pelo trabalho coletivo em hospitais.

Diante destes aspectos, o presente trabalho tem o objetivo relatar a experiência de uma prática de Estágio do Núcleo Comum do curso de Psicologia vivenciada a partir da implementação de um grupo de pais na UTI Neonatal de um hospital localizado no Vale do Taquari/RS. O grupo, de forma geral, buscou proporcionar momentos de escuta, acolhimento e orientações aos pais e cuidadores dos bebês internados na UTI Neonatal da instituição. De forma específica, procurou-se atingir maior vínculo das famílias com a equipe da unidade, realizar atividades que promovessem o diálogo e a troca de experiências entre os pais e também aproximar a Psicologia com as demais profissões que atuam na UTI Neonatal, mostrando a importância da mesma enquanto parte da equipe.

2 MÉTODO

Este estudo, trata-se de um relato de experiência que descreve e busca a reflexão acerca da constituição de um grupo de apoio a pais da UTI. Este grupo foi constituído no segundo semestre do ano de 2023, de agosto a dezembro, período em que foram realizadas várias atividades com frequência quinzenal e duração de uma hora e trinta minutos. Para a participação em cada encontro foram convidados os acompanhantes que estavam com os bebês no turno de realização do grupo e os cuidadores (que se apresentaram principalmente como pais e mães). Para o convite foi feito um cartão com a data e o horário do encontro do grupo, entregue aos pais na semana anterior a cada encontro pela equipe da unidade.

No total, o grupo contou com 34 participantes, sendo eles pais, mães e avós dos bebês que estavam internados na UTI Neonatal. Em média, cada encontro teve 3 participantes. O grupo heterogêneo contou com alguns pais que participaram de mais de um encontro e outros que participaram de apenas um momento. As participações oscilavam conforme o tempo de internação dos bebês e também com a disponibilidade dos pais em estarem presentes no turno de realização do grupo, que ocorriam às segundas-feiras pela manhã.

A realização do grupo de pais foi uma prática acolhida pela equipe da UTI Neonatal, pelas enfermeiras e médica responsáveis pelo setor. Dessa forma, a equipe

auxiliou na distribuição dos convites e lembretes aos pais sobre os encontros. Os encontros foram conduzidos pela estagiária de Psicologia, com auxílio e participação da Psicóloga Supervisora em todos os momentos.

Como forma de tornar o grupo mais dinâmico e utilizar recursos para que os objetivos fossem atingidos, foram planejadas atividades para encontro, as quais seguiram o cronograma a seguir:

Quadro 1

ENCONTRO	ATIVIDADE PROPOSTA
Encontro nº1	<p>O que me inquieta?</p> <p>Nesta atividade, após apresentações e momento de falas iniciais, os pais foram convidados a escrever em pedaços de papel os seus medos, angústias, inquietudes e dúvidas em relação ao processo de internação de seu(sua) filho(a). Com o auxílio da Enfermeira da UTI NEO, a estagiária de Psicologia conversou com os participantes do grupo sobre estes pontos trazidos, buscando acolhê-los e esclarecer dúvidas. Como foi o primeiro encontro do grupo, considerou-se importante o espaço para manifestações e dúvidas sobre a dinâmica de funcionamento da UTI.</p>
Encontro nº2	<p>Girafa do sentimento:</p> <p>Após apresentações iniciais, foi apresentada para o grupo uma girafa de brinquedo, a qual serviu como objeto da palavra. Foi explicado aos pais que a girafa é o símbolo da comunicação não-violenta, por ser o animal com o maior coração. Dessa forma, quem estava com a girafa em mãos deveria ser escutado com empatia. Ao receber a girafa, cada participante foi convidado a relatar uma emoção/sentimento que estava vivenciando naquele momento, abrindo espaço para trocas a partir disso.</p>
Encontro nº3	<p>Desenho do bebê:</p> <p>Após dinâmicas de apresentação e acolhimento, os pais foram convidados a desenhar o seu bebê. Depois, aqueles que se sentiram à vontade puderam apresentar para o grupo, explorando a idealização em relação ao bebê real. Foi abordado com os pais que, mesmo em situações em que não há a internação neonatal, como estão vivenciando, há também as expectativas que se confrontam com o real, pois o bebê é sonhado a partir da visão dos pais e já se apresenta desde o nascimento com um temperamento próprio.</p>
Encontro nº4	<p>Símbolos da internação:</p> <p>Com massinha de modelar, os participantes foram convidados a moldar um objeto/símbolo que representasse o período de internação hospitalar que estavam vivenciando com o recém-nascido. Após, foi conversado com grupo sobre o que emergiu, buscando também realizar dessa forma uma preparação para a alta-hospitalar, a partir do que moldaram como forças ou dificuldades deste período.</p>

ENCONTRO	ATIVIDADE PROPOSTA
Encontro nº5	<p>Conversa com uma família: Para este encontro a estagiária planejou convidar uma família que já tenha vivenciado a UTI Neonatal para trazer um depoimento aos participantes do grupo, para que os pais pudessem ser acolhidos por pessoas que experienciaram a mesma situação, conversando sobre as dificuldades e vitórias também.</p>
Encontro nº6	<p>Os pais são essenciais: Para explorar neste encontro a importância do papel dos pais durante a internação, fortalecendo as relações primárias e construindo a maternidade/paternidade, foi mostrado como disparador o vídeo “First Year” que relata a importância da relação do bebê com a mãe para o seu progresso durante a internação em uma UTI Neonatal. Após, foi conversado com os pais sobre os sentimentos que o vídeo despertou e reforçado o papel fundamental que desempenham.</p>
Encontro nº7	<p>Cuidando de quem cuida: Para a realização de um momento voltado ao bem-estar dos pais, foi oferecida uma prática de yoga e meditação após o acolhimento inicial deste momento em grupo. Uma profissional foi convidada para participar para conduzir a prática.</p>
Encontro nº8	<p>Conversa com os profissionais: Neste encontro planejou-se convidar os diferentes profissionais que atuam na UTI NEO (enfermeira, médica, fisioterapeuta, nutricionista...) para participarem do grupo, promovendo um momento de trocas com os pais para o esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de informações importantes para o momento de internação e alta.</p>
Encontro nº9	<p>Construindo uma lembrança: A ideia de prática deste encontro foi os participantes realizarem a confecção de uma lembrança deste período que estão vivenciando no hospital, como se fosse um quadro, utilizando recorte e colagem, tintas, lápis e diferentes materiais disponibilizados. Esta produção foi feita com o intuito de os pais produzirem uma lembrança para mostrar aos filhos futuramente, como um símbolo da superação vivida.</p>
Encontro nº10	<p>Emoções e estratégias de enfrentamento: Neste último encontro foram dispostas no centro do círculo de participantes emoções, nomeadas em papéis. Os pais foram convidados a escolher uma ou mais emoções que estão sentindo naquele momento ou prioritariamente durante os dias de internação, verbalizando sobre isso. Após, foi conversado sobre a importância de conseguir nomear/identificar as emoções sentidas como um primeiro passo para a regulação emocional. Em seguida, foram trazidas para o grupo estratégias de enfrentamento para os momentos em que as emoções estiverem intensas, como forma de cuidado aos pais e consequentemente aos bebês. Para finalizar, foi feito um momento de fechamento, explicando também a finalização da realização do grupo no ano.</p>

Fonte: Das autoras (2023).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos objetivos propostos, compreende-se que duas frentes foram pensadas: uma relacionada aos pais e outra à equipe. No que se refere aos pais, configuraram-se como uma amostra composta por diferentes classes sociais e econômicas, idades distintas, assim como municípios de origem e níveis de escolaridade. Apesar da diversidade presente no grupo, compreende-se que a cada encontro foi possível proporcionar o cuidado humanizado, escuta e acolhimento desejados. Pelas manifestações dos participantes, compreende-se que estes objetivos foram alcançados. Com a realização do grupo os pais puderam trocar experiências, compartilhar suas dores, alegrias de cada pequena conquista, seus anseios e também receber informações acerca da Unidade de Tratamento Intensivo.

Assim como abordado na literatura, a participação se mostrou prioritariamente das mães, apesar de em diversos encontros os pais terem aderido ao convite. Também conforme o referencial teórico aponta, o engajamento dos pais é um desafio (Carvalho; Pereira, 2017), o que foi percebido no decorrer da realização do grupo. Porém, mesmo com os desafios, compreende-se a potência do espaço que foi proporcionado aos pais dos bebês da UTI Neonatal ao longo dos quatro meses de realização do grupo e percebe-se também a influência dele perante o vínculo estabelecido entre os pais e os bebês e a construção da paternidade/maternidade em um contexto adverso ao imaginado (Spitz; Rocha, 2004).

Foi possível compreender que com a realização dos encontros do grupo, adentrou-se a subjetividade que envolve a internação de uma vida recém-chegada ao mundo e assim olhar para além do paciente, que neste caso é o bebê, partindo para o cuidado à família, entendendo o quanto este cuidado integral se faz necessário no ambiente hospitalar (Fontoura; Mayer, 2006). Segundo Valansi e Morsch (2004), é um dos atributos do psicólogo na UTI Neonatal auxiliar os pais a falarem sobre o nascimento e início da vida do bebê que acontece de forma diferente do que imaginavam, para que assim consigam identificar seus sentimentos e organizar os pensamentos para haver uma melhor interação com o bebê e compreenderem a internação. Dessa forma, entende-se que o grupo proporcionou isso em todos os encontros e assim mostrou a sua relevância. Conforme Biondo e colaboradores (2023), os participantes de grupos realizados com pais da UTI Neonatal aparentam apresentar uma visão mais positiva sobre a internação e a significação da angústia vivenciada, o que pelos relatos dos participantes também pôde ser observado.

Os pais manifestaram durante os diferentes encontros o quanto se sentiam acolhidos no grupo, pelas profissionais e também uns pelos outros. Relataram que ter um espaço de troca fez com que a angústia diminuísse e que soubessem que teriam com quem contar para esclarecer dúvidas e manifestar os seus anseios. Referiram que confiavam no trabalho da equipe, conforme conheciam sobre o trabalho dos profissionais a partir das condutoras do grupo e das manifestações dos demais pais.

Em relação aos objetivos voltados para a equipe, que versam sobre a Psicologia integrar a UTI Neonatal e atuar de forma multidisciplinar, observaram-

se maiores desafios. Os encontros que tiveram a necessidade de maior engajamento da equipe foram aqueles nos quais as maiores dificuldades também se apresentaram, perceberam-se fragilidades no que diz respeito à abertura da Unidade para a inserção da Psicologia e, de certa forma, uma falta de valorização das atividades propostas. São analisadores a falta de participação dos profissionais nos momentos nos quais foram convidados, assim como a falta de auxílio no momento do convite feito aos pais em alguns momentos. Compreende-se que a Psicologia, por circular por todos os espaços do hospital e assim não atuar diariamente com as mesmas pessoas, como é de costume para a maioria das profissões da saúde no hospital, têm dificuldade de se integrar e vincular com as equipes e, assim, também ocorre uma dificuldade dos demais profissionais compreenderem e valorizarem a prática psicológica.

De acordo com Macedo (2007), há dificuldades intrínsecas no trabalho multidisciplinar em saúde, dentre elas o automatismo na realização de tarefas, a quantidade de demandas, a realização de tarefas técnicas e, no ambiente hospitalar, mais rígidas e com protocolos a serem cumpridos, entre outros. Esses desafios precisam ser considerados quando há o objetivo de uma prática de assistência humanizada, pois precisam ser transpostos.

A realização do grupo mostrou-se uma experiência relevante, visto que permitiu a aproximação da Psicologia com a UTI Neonatal e também promoveu uma ação conjunta da mesma com as demais profissões, ou seja, um exercício de trabalho em equipe multiprofissional. Compreende-se que apesar deste ser um objetivo não plenamente atingido, novas trocas foram realizadas, a estagiária pôde conhecer e atuar perante uma área de cuidado complexa e delicada e um cuidado da Psicologia de forma coletiva e ampla pôde ser proporcionado, pontos importantes a serem considerados. Realizar o grupo teve um sentido importante para a estagiária e para a supervisora local, também mobilizou a equipe em muitos momentos, mostrando a potência desta prática de cuidado no ambiente hospitalar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos dos pais participantes, da equipe da UTI Neonatal e também das trocas realizadas em supervisão, percebeu-se a influência da realização do grupo na dinâmica do setor, na experiência de internação da família e também no suporte prestado. Pode-se concluir que o grupo dispositivo, ou seja, com atividades e práticas ativas, proporcionou momentos de escuta, acolhimento e orientações aos pais e cuidadores dos bebês internados na UTI Neonatal da instituição. Atingiu-se maior vínculo das famílias com a equipe da unidade e foi possível promover o diálogo e a troca de experiências entre os pais, os quais verbalizaram a importância disso para o alívio dos seus sintomas de culpa, frustração, ansiedade e incertezas.

Também foi possível, com a realização do grupo, inserir de forma mais sistemática a Psicologia no setor de UTI Neonatal, promovendo um trabalho mais próximo da interdisciplinaridade, que se deseja atingir nos contextos de saúde. Mostrou-se a importância da atuação da Psicologia em hospitais perante a realização dos encontros do grupo.

Em relação a este estudo, salienta-se a presença de algumas limitações, as quais se apresentam principalmente na forma de comprovação da eficácia da intervenção, que se fez por meio do relato da vivência das próprias autoras. Isso reforça a importância de mais práticas como a referida no estudo serem realizadas, para que novas análises possam ser feitas em relação à condução de grupos de pais em uma UTI Neonatal por psicólogos. Obter relatos da experiência dos pais participantes poderia ser uma forma de análise relevante.

Porém, por meio deste relato de experiência, torna-se possível compreender a potência da realização de grupos em contextos hospitalares, principalmente com familiares de bebês internados na UTI Neonatal, visto o cuidado que se faz necessário e que por meio do grupo pôde ser oferecido, contribuindo para a humanização neste ambiente.

Também, cabe destacar a importância de um estágio do curso de graduação de Psicologia em um hospital. A prática, permitiu que a estagiária pudesse consolidar os conhecimentos sobre a Psicologia Hospitalar e do Desenvolvimento. A experiência de condução do grupo proporcionou muitos conhecimentos acerca de um dos campos de atuação da ciência psicológica, reforçando a necessidade da Psicologia se fazer presente em hospitais e atuando junto às equipes de saúde.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, V.A. (Org.) **E a Psicologia entrou no Hospital**. São Paulo: Pioneira. 1996.

BALTAZAR, Danielle Vargas Silva. GOMES, Rafaela Ferreira de Souza. CARDOSO, Talita Beja Dias. **Atuação do psicólogo em unidade neonatal: rotinas e protocolos para uma prática humanizada** 1. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 02-18, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BENEVIDES, D. S., Pinto, A. G. A., Cavalcante, C. M., & Jorge, M. S. B.. (2010). **Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 14(Interface (Botucatu), 2010 14(32)), 127–138. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000100011>

BENEVIDES de BARROS, Regina D. Dispositivos em ação: o grupo. SaúdeLoucura. São Paulo: Hucitec, n.6, 1997.

BIONDO, Isabel *et al.*. Grupo terapêutico com mães em uti neonatal pelo pet-saúde: espaço de escuta qualificada e acolhimento. In: **Práticas Exitosas do PET-Saúde Gestão e Assistência: rede de atenção materno-infantil de Governador Valadares-MG**. Anais UNIVALE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/petsaudegestaoassistencia/664529-GRUPO-TERAPEUTICO-COM-MAES-EM-UTI->

NEONATAL-PELO-PET-SAUDE--ESPACO-DE-ESCUA-QUALIFICADA-E-ACOLHIMENTO. Acesso em: 21 out. 2023

CARVALHO, Larissa da Silva; PEREIRA, Conceição de Maria Contente. **As reações psicológicas dos pais frente à hospitalização do bebê prematuro na UTI neonatal.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 20, n. 2, p. 101-122, 2017. Disponível em: <<https://revista.sbph.org.br/revista/article/view/256>> Acesso em: 09 Jun. 2023

EIZIRIK, Cláudio Laks; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. **Gestação, Parto e Puerpério.** In-O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre:Artmed, 2007, pg.29-40.Classificação: 616.89 C568 (CS).

FONTOURA, Rosane Teresinha. MAYER, Cristiane Nunes. **Uma breve reflexão sobre a integralidade.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 59, n. 4, p. 532–536, jul. 2006.

GALDINO DE QUEIROZ, L. L.; AZEVEDO, A. P. B.; CHERER, E. DE Q.; CHATELARD, D. S. A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. 1, p. 57-63, 29 fev. 2020

HEBERLE, Andréia Yess; OLIVEIRA, Lisandra Antunes. **Grupos terapêuticos em saúde mental: uma modalidade na prática dos serviços de atenção à saúde mental.** UNOESC. Disponível em [http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/unoesc-ANDR% C3% 89IA-YESS-HEBERLE. pdf](http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/unoesc-ANDR%C3%89IA-YESS-HEBERLE.pdf), 2016.

MACEDO, Paula Costa Mosca. Desafios atuais no trabalho multiprofissional em saúde. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 33-41, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MOLITERNO, I. M. de; VIEIRA, J. B. dos S.; ARAÚJO, L. K. O. de; CALDAS, L. F. N.; MELLO, M. K. P. M. G. JÚNIOR, J. R. R. **A atuação do psicólogo com grupos terapêuticos.** Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 95–98, 2012. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/460>. Acesso em: 21 mar. 2023.

NODA, Larissa Midori *et al.* **A humanização em unidade de terapia intensiva neonatal sob a ótica dos pais.** Rev. Min. Enferm. vol.22 Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20180008>> Acesso em: 11 Ago. 2023

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano.** 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

SPITZ, René A.; ROCHA, Erothildes Millan Barros da. **O papel das relações mãe-filho no desenvolvimento do bebê.** In: SPITZ, René A.; ROCHA, Erothildes Millan Barros da. O primeiro ano de vida. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004, p. 123 - 147. Classificação: 159.922.7 S761p (CH).

VALANSI, Luciana; MORSCH, Denise Streit. **O psicólogo como facilitador da interação familiar** no ambiente de cuidados intensivos neonatais. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 112-119, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Set. 2023.